

## Ecrãs de fogo: pode uma tragédia proteger de algo pior?

*Fernando Ilbarco\**



O crescimento da complexidade leva à catástrofe; se inevitavelmente ou não é a questão. Os seres humanos há muito se adaptaram a um mundo caótico: a língua, a cultura, a ciência e a tecnologia são desenvolvimentos que podem ser descritos sob essa perspectiva. Seja por simplificação ou compreensão, a complexidade do mundo é reduzida. Os ecrãs digitais, no entanto, podem incorporar uma nova estratégia de sobrevivência: substituição, proteção, isto é, separação; fazendo aliás ecoar a etimologia da palavra, o ecrã como biombo, como escudo. A vida humana hoje acontece do lado de cá dos ecrãs. O mundo é o espectáculo do mundo.

Toda a filosofia e teoria social, explícita ou implicitamente, lida com a questão da morte, referiu Schopenhauer; e os ecrãs também. As televisões, os computadores, ecrãs dos telefones, etc., são pontos centrais da atenção humana.

Na cultura semiótica contemporânea de abundância, a complexidade do mundo está de volta como espectáculo, como mensagem, como realidade. Nem Zuckerberg controla o Facebook, nem ninguém controla coisa alguma, muito menos o mundo. Ted Turner, fundador da CNN, alertou-nos na década de 1980: “A CNN transmitirá o fim do mundo em directo”.

A cor vermelha, dominante na CNN e de facto nas principais cadeias de televisão, é um chamar de atenção, uma evocação

do vermelho do sangue e do fogo na história da humanidade, uma celebração da primeira cor dos homens, depois do preto e branco; é uma evocação dos fogos épicos que escreveram a História, do inferno e do fim do mundo.

Há muito que o vermelho significa atenção, fogo, mudança, acidente. A mensagem de fundo dos vídeos constantes, da TV, das imagens em directo, da Internet, é a catástrofe final a que a complexidade conduz. O ecrã digital é uma montra de catástrofes.

Olhando para as imagens, observando os ecrãs, estamos fora do que acontece, protegidos pelos ecrãs, biombos, escudos. Observando, separados, do lado de cá, excluídos pelos ecrãs. O ecrã é a distinção que cria os tempos contemporâneos. Deste lado dos ecrãs, olhando-os, os homens experimentam o sentimento do sobrevivente, sobrevivem enquanto outros morrem. Imersos num mundo hiper-real, numa realidade feita de imagens, imaterialidade e mudança, o poder derradeiro do ecrã é o espectáculo paradoxal e final: o fim do mundo, sobrevivendo a ele.

Mas como lembra a autopoiesis, a biologia teórica de Humberto Maturana e Francisco Varela, o conhecimento é sempre o conhecimento de alguém; o mundo é sempre o mundo de alguém; o fim do mundo é sempre o fim do mundo de alguém.

Na hiper-realidade, o significante é um signo. A realidade é a semiótica, e a natureza uma estranha ficção. Para nós, os reféns do ecrã, como comentou Baudrillard, presos à matriz da

\* UCP FCH CEPCEP



publicidade, da televisão e da Internet, prisioneiros da terceira ordem de simulacro, ainda conforme a Baudrillard, o mito final que estabelece o sentido de fundo, o horizonte que nos envolve e a linguagem que diz o que é o que percebemos à nossa volta, os fogos de Verão gigantescos, o fogo nos ecrãs da televisão, para resumir, o mito mais fundo é o do fim do mundo, cercados pelo fogo do Inferno, da derradeira e monstruosa batalha entre o bem e o mal.

A mensagem do fogo nos ecrãs da televisão é o fim do tempo, no aqui e agora, o fogo, qual buraco negro, que absorve tudo. A sua realidade, a realidade do seu *real time*, é o facto de realmente, *really*, o fogo cortar o tempo ao meio – antes e depois do fogo; antes e depois dos fogos do Verão, dos fogos de Outubro.

O fogo garante o acesso ao ecrã. Porque o fogo é atenção e o ecrã também. Hoje como há anos:

“O drama dos incêndios do Verão, na sua essência, corporiza a lógica do sistema mediático de poder: o espectáculo da destruição, a impotência institucional, o non-sense da política. Nos milhares de horas de televisão dedicadas nos últimos anos aos incêndios do Verão, a mensagem mais pesada, ainda que apenas uma suspeição, é a de que um dia as chamas destruirão não apenas as matas e as aldeias no meio dos montes, mas tomando as auto-estradas que têm vindo a ameaçar, queimarão também as cidades, o país e tudo o que nos fez chegar onde chegámos. Os “incêndios do regime” não estão apenas em Pampilhosa da Serra ou em Leiria; as chamas estão em todas as salas de estar do país, quando as famílias se juntam e nos incêndios do Verão vêem o poder a desautorizar-se e o país a questionar-se. Quando em meados do mês uma embarcação de recreio com cerca de noventa pessoas a bordo ardeu no mar em frente à praia da Galé, em pleno Algarve, a notícia nos telejornais e nos jornais no dia seguinte não foi o incêndio em si mesmo: “Passageiros de barco em chamas no Algarve salvos por embarcações de recreio” (PÚBLICO, 16/8/05, 1.<sup>a</sup> página). (...) [A] catástrofe dos incêndios do Verão é uma expressão da incapacidade do (...) sistema no âmbito do qual o país funciona [tomar conta se si] próprio – é este aliás o significado final da expressão mediática “as motos de água salvaram as pessoas do barco em fogo.”<sup>1</sup>

O fogo toma metade dos telejornais e faz as primeiras páginas da imprensa. O drama televisual dos incêndios do Verão, na sua essência, corporiza a lógica do sistema mediático de poder: o espectáculo da destruição, a impotência institucional, o non-sense da política. O poder simbólico do espectáculo dantesco das chamas de dezenas de metros de altura e da terra reduzida a cinza é bem superior ao do das conferências de imprensa e dos planos de qualquer governo.

Para quem segue a realidade pelo audiovisual, a mensagem que se lê nas labaredas – a terra queimada, o final de alguma

coisa – não é atenuada pela intervenção dos bombeiros, nem pelas decisões das autoridades no combate aos fogos; antes é acentuada quando, na televisão, nos comentários, recriminações e ataques entre protagonistas, a ideia de fundo que fica é a de que os governos esperam que os portugueses governem em vez deles. Como se a responsabilidade pelo país que arde ciclicamente, como se nada do que se decide e faz estivesse relacionado com os fogos, tivesse já sido atribuída a todos os portugueses.

Há anos e anos que o fogo no Verão toma metade dos telejornais e faz as primeiras páginas da imprensa, bem antes dos 115 mortos de 2017.

Mas todas as catástrofes nos protegem de algo pior, como argumenta Baudrillard, dando como exemplo a neurose, que protege da mais completa loucura. De que poderá então proteger-nos a catástrofe dos incêndios?

A luz não brilha, avisou Nietzsche; o fogo também não queima. A luz é o brilho e o fogo é a queima, e queimar é um modo específico de destruir o que existe. Trata-se de uma destruição completa, porque o rasto que o fogo deixa é o de si próprio, fogo que por lá passou. Assim, ao constituir-se em passado, o fogo limpa o passado que existia antes do passado que agora existe.

O fogo proteger-nos-á de quê? Os incêndios do Verão protegem-nos de um incêndio maior. É metáfora e é literal, como vimos o ano passado. Ao chamar a atenção, ao apelar à capacidade de fazer algo, a loucura dos incêndios do Verão protege-nos de uma loucura ainda maior. Que loucura maior? Evidentemente, o incêndio, material e simbólico, de tudo o que não ardeu, do que não foi limpo. A suspeita mais funda, é a do fim do mundo, o incêndio do país inteiro.

Os fogos do Verão são um aviso. O fogo é a intermediação, a mais poderosa extensão do homem, a energia que transforma e cria. O fogo é a essência da transformação. Estranha e dolorosamente, as catástrofes protegem-nos sempre de algo pior. Ao apelar à capacidade para fazer algo consequente, a catástrofe dos incêndios protege-nos de uma catástrofe ainda maior, do incêndio de tudo o que não ardeu.

Mas a catástrofe dos incêndios só nos pode proteger se entendermos o que para além do fogo, tem estado a arder há décadas. Se as catástrofes de facto nos protegem de algo pior, então nos incêndios destes meses deve entender-se a incapacidade das estruturas, a insuficiência do conhecimento, o medo da qualidade dos outros; e que face a tudo isso, de alguma forma, a tragédia do fogo é um aviso.

As coisas têm consequências – é a história do mundo. Talvez a mensagem mais real dos muitos milhares de horas de televisão, vídeos, imagens e textos dedicados à tragédia dos incêndios – há anos apenas uma suspeição, mas hoje bem mais do que isso –, seja a de que se nada fizermos um dia as chamas destruirão não apenas o mato, os pinhais e as aldeias no interior do país, mas tomando as auto-estradas, que desde há dez anos têm ameaçado e que no ano passado incendiaram, queimarão as cidades e o país inteiro. Literal é assustador. Metáforico também. ■

<sup>1</sup> Ilharco, F. (2005) A Catarse do Fogo, *Público*, 22 de Agosto de 2005; <https://www.publico.pt/2005/08/22/jornal/a-catarse-do-fogo-35577>